

Escrita de si na *História de Sergipe* de Felisbello Freire

Samuel Albuquerque*

Resumo

Consenso entre os estudiosos da Historiografia Sergipana, Felisbello Freire (1858-1916) é considerado o pioneiro nos fazeres historiográficos no estado. Sua *História de Sergipe*, publicada em 1891, é a mais consagrada síntese histórica sobre Sergipe. Este trabalho estuda a obra de Felisbello, destacando seu caráter autobiográfico, analisando como aspectos da biografia do autor mulato e republicano influíram na narrativa produzida sobre a história de sua província natal, sobretudo ao tratar do século XIX.

Palavras-chave: Felisbello Freire; Escrita de si; História de Sergipe – século XIX.

Abstract

A consensus among the researchers of Sergipe's Historiography, Felisbello Freire (1858-1916) is considered a pioneer in the state's historiographic work. His *História de Sergipe*, published in 1891, is the most consecrated historic synthesis about the state of Sergipe. This work studies the work of Felisbello, highlighting its autobiographical character and analyzing how aspects of the author's biography, a brown man who was also a republican, influenced in the narrative of the history of his homeland province, especially when dealing with the 19th century.

Keywords: Felisbello Freire; Writing of the self; History of Sergipe – 19th century.



* Professor da UFS e sócio do IHGSE

Tomado de excitação, Felisbello deixou a Tipografia Perseverança. Perambulando pelas ruas do centro do Rio, folheava sua *História de Sergipe*, que acabara de ficar pronta. Era o primeiro livro do médico e a pedra fundamental da historiografia sergipana, lançada naquele ano de 1891.

Mesmo que abdicássemos da imaginação histórica, registrando, friamente, que a *História de Sergipe* foi publicada em 1891, pela Tipografia Perseverança, no Rio de Janeiro, não poderíamos ignorar o significado do fato. A obra inaugurou a historiografia sobre o pequeno estado da federação e consagrou-se como a mais importante síntese da história de Sergipe¹.

Desde a emergência dos estudos de história da historiografia sergipana, em princípios da década de 1970, o pioneirismo da obra de Felisbello Freire vem sendo destacado.

Silvério Fontes, mesmo registrando a “preocupação historiográfica” do comendador Travassos em seus *Apontamentos históricos e topográficos sobre a Província de Sergipe (1875)*², considerou Felisbello o fundador da historiografia sergipana propriamente dita, com sua incontornável *História de Sergipe* (FONTES, 1972: 5)³, que seria “o mais valioso estudo global da história sergipana” (FONTES, 1973: 383)⁴.

Para Vladimir Souza Carvalho, os livros de Felisbello (referindo-se, também, ao *História territorial do Brasil*, de 1906)⁵ seriam “os dois maiores monumentos” da historiografia sergipana, “a ponto de, depois deles, não aparecer nenhum outro de destaque e mérito equivalentes” (CARVALHO, 1973: 12)⁶.

José Calazans considerou Felisbello o “primeiro historiador de Sergipe”, o “pai da historiografia sergipana”. A ausência de uma historiografia local teria levado Felisbello a “começar do nada”, fato que engrandeceria a “realização empreendida e levada a bom termo” (CALAZANS, [1973] 1992: 13-14)⁷.

Itamar Freitas, tratando da malograda proposta de um concurso para a escolha da “mais perfeita história da Província de Sergipe” – lançada pelo então deputado Sílvio Romero à Assembleia Provincial de Sergipe, em mea-

1 FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *Historia de Sergipe (1575-1855)*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1891.

2 TRAVASSOS, Antonio José da Silva. *Apontamentos historicos e topographicos sobre a Provincia de Sergipe*. Rio de Janeiro: Instituto Typographico do Direito, 1875.

3 FONTES, José Silvério Leite. Historiografia Sergipana. In: Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe. *Cadernos da UFS*, Aracaju, n. 1, p. 4-7, 1972.

4 FONTES, José Silvério Leite. Vultos da historiografia brasileira: Felisbello Freire (1858-1915). *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, n. 49, p. 381-385, set. 1973.

5 FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *Historia territorial do Brazil (Bahia, Sergipe e Espirito Santo)*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1906. p. 273-363.

6 CARVALHO, Vladimir Souza. A História em/de Sergipe. In: *Santas Almas de Itabaiana Grande*. Itabaiana: O Serrano, 1973. p. 11-15.

7 SILVA, José Calazans Brandão da. Introdução ao estudo da Historiografia Sergipana. In: *Aracaju e outros temas sergipanos*. Aracaju: FUNDESC, 1992 (Coleção João Ribeiro). p. 7-37.



dos da década de 1870 – concluiu que “a tão esperada *História de Sergipe* seria publicada apenas em 1891, por Felisbello Freire” (FREITAS, 2007: 28)⁸.

Entre os nomes mais consagrados da historiografia sergipana, Maria Thetis Nunes assinalou que, “como historiador, [Felisbello] deixou diversas obras importantes, destacando-se a *História de Sergipe*, publicada em 1891, e que continua, até hoje, como a melhor interpretação, em conjunto, da evolução histórica sergipana” (NUNES, 1984: 126)⁹.

Ibarê Dantas, ao estudar a “criação da Casa de Sergipe”, registrou que, “[em 1912,] entre os historiadores sergipanos afastados de sua terra, estava Felisbello Freire (1858-1916), o primeiro a publicar uma análise sistemática e de grande importância sobre a *História de Sergipe* (1891)” (DANTAS, 2012: 25)¹⁰. Décadas antes, Ibarê já considerava que

[a obra] representa no todo a síntese de maior mérito sobre o Estado [...], não apenas por representar um trabalho imprescindível para quem procura conhecer o passado de Sergipe, mas também pelo desafio que significa para os historiadores sergipanos que, malgrado seus projetos, ainda não construíram uma síntese que superasse ou continuasse o estudo de Felisbello Freire (DANTAS, 1978)¹¹.

Pioneiro no estudo do conjunto da obra de Felisbello, Bonifácio Fortes, em 1958, considerava que a *História de Sergipe* seria “a única sistematização séria da História sergipana” (FORTES, 1958: 40)¹². Já Francisco José Alves, principal estudioso da historiografia de Felisbello, assinalou:

A *História de Sergipe* de F. Freire inaugura a historiografia científica do Estado. Até então tínhamos memórias e descrições. Com esta obra temos a primeira tentativa de interpretação científica da História estadual. Valendo-se do evolucionismo, paradigma científico hegemônico na época, Freire oferecerá uma síntese da evolução de Sergipe (ALVES, 1991)¹³.

8 FREITAS, Itamar. *Historiografia Sergipana*. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

9 NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 (Educação e comunicação, 13). Verificar observação similar na página 178 da mesma obra e no artigo “Felisbello Freire, o historiador” (Nunes, 1987: 92-93) [NUNES, Maria Thetis. Felisbello Freire, o historiador. *Caderno de Cultura do Estudante*, Aracaju, n. 4, p. 92-93, 1987].

10 DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE, 1912-2012*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012 (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, 15).

11 DANTAS, Ibarê. Do regional ao nacional, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1978, p. 2.

12 FORTES [NETO], [José] Bonifácio. *Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constituinte*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1958.

13 ALVES, Francisco José. Centenário de uma história inaugural, *Jornal da Manhã*, Aracaju, 29 dez. 1991, Arte e Palavra, p. 6.



Acredito que a tese da “síntese não superada”, felizmente, expirou, considerando que a historiografia sergipana, sobretudo a partir de década de 1980, passou a receber significativas contribuições de autores como Ibarê Dantas e Maria Thetis Nunes. Sobre essa questão, considero que a contribuição de Felisbello foi superada, no que diz respeito à História da Capitania de Sergipe, pelo conjunto do legado de Maria Thetis Nunes – com os livros *Sergipe Colonial I* (1989)¹⁴ e *Sergipe Colonial II* (1996)¹⁵ – e Luiz Mott – com os livros *Sergipe del Rey* (1986)¹⁶, *A Inquisição em Sergipe* (1989)¹⁷ e *Sergipe Colonial e Imperial* (2008)¹⁸. Quanto à História da Província de Sergipe, Felisbello foi superado por Ibarê Dantas, que, em 2009, publicou a biografia do senador *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel*, estudando com afincos a política e a sociedade sergipana oitocentista¹⁹.

Ainda assim, considero que Felisbello e sua obra representam a cumeeira da historiografia sergipana. Todavia, preocupa-me o fato de, há mais de um século, a celebrada *História de Sergipe* ser tomada, grosso modo, como um livro sagrado, reproduzido irrefletidamente por sucessivas gerações de estudiosos do passado sergipano.

Todo texto historiográfico é, potencialmente, um documento histórico. E, sabemos, “nenhum documento é inocente”. Nesse sentido, ocupar-me-ei de uma releitura dessa obra (incontestavelmente importante), atentando para o seu caráter autobiográfico – percebendo como a historiografia está impregnada da biografia do historiador.

Os autores dos principais perfis biográficos de Felisbello limitaram-se a indicar o nome dos seus pais, o coronel Felisbello Firmo de Oliveira Freire e dona Rosa do Amarante Góes Freire, e o seu nascimento, em 1858, em Itaporanga. O fato de ele ser neto de Luís Francisco Freire (179?-1856), influente senhor de engenhos do vale do Vaza-Barris, e sobrinho do Barão de Laranjeiras, Felisberto de Oliveira Freire (1819-1889), senhor do Engenho Belém, também é evocado. O que se ignorou ou se ocultou, todavia, foi a origem mestiça do renomado historiador.

Conforme o registro de casamento dos pais de Felisbello, que localizei no arquivo da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda, o coronel Felisbello Firmo

14 NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Sergipe: UFS, 1989.

15 NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

16 MOTT, Luiz Roberto de Barros. *Sergipe del Rey*: população, economia e sociedade. Aracaju: FUNDESC, 1986 (Coleção Jackson da Silva Lima).

17 MOTT, Luiz Roberto de Barros. *A Inquisição em Sergipe*. Aracaju: FUNDESC, 1989 (Coleção Jackson da Silva Lima).

18 MOTT, Luiz Roberto de Barros. *Sergipe Colonial e Imperial*: religião, família, escravidão e sociedade. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

19 DANTAS, Ibarê. *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909)*. O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009.

de Oliveira Freire era filho natural de certa Inez das Virgens que, naquele ano de 1857, residia na vila de Itaporanga²⁰. Por sua vez, o inventário *post-mortem* de Luís Francisco Freire, datado de 1856, atesta que o patriarca da família e antigo senhor dos engenhos Roma, Belém e Jerusalém, reconheceu sua descendência bastarda, assumindo o papel de provedor e transmitindo-lhe seu sobrenome²¹.

Provavelmente, era na avó Inez que os desafetos políticos de Felisbello buscavam inspiração para afirmar, por exemplo, que sua “ascendência vai entroncar na nobre árvore genealógica das senzalas do Engenho Belém” (DANTAS, 2009: 238)²². Teria a avó Inez passado de cativa a amásia do avó Luís Francisco? Quem sabe um biógrafo à altura do nosso primeiro historiador possa, entre outras coisas, relacionar a história familiar com a militância de Felisbello nos movimentos abolicionista e republicano.

É preciso assinalar que, muito provavelmente, Felisbello empenhou-se em ocultar ou, ao menos, omitir sua origem mestiça. Na tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia em 1881, por exemplo, o autor forjou uma relação legítima entre os seus avós paternos, registrando o nome da avó Inez das Virgens acrescido do sobrenome Freire. Nesse sentido, há divergências entre os registros paroquiais e os registros constantes nos elementos pré-textuais da tese de Felisbello, no que diz respeito ao nome de sua avó (simplesmente Inez das Virgens, para a Igreja)²³. Sabemos, todavia, que, em princípios da década de 1880, os registros válidos eram os eclesiásticos (certidões de batismo, casamento e óbito). Somente em fins daquela década, com a República, foram criados o casamento e os registros civis na esfera governamental.

Considerando a indissolubilidade do casamento católico e o fato de o avó paterno de Felisbello ter deixado viúva, em 1856, a senhora Adriana Francisca Freire (mãe, entre outros, de Alexandre Freire do Prado, do Engenho Carvão, em Divina Pastora, e de Felisberto de Oliveira Freire, do Engenho Belém, em Itaporanga d’Ajuda – futuro Barão de Laranjeiras), conforme consta no mencionado inventário de Luís Francisco Freire, concluo que o jovem autor da tese médica de 1881 atribuiu à sua avó paterna um sobrenome que ela nunca ostentou.

20 REGISTRO DO CASAMENTO de Felisbello Firmo de Oliveira Freire com Rosa Benta de Araújo [Góes] Mello. Itaporanga d’Ajuda, 1857. In: Livro de registro de casamentos – 1845/1877, número 579, p. 82 (anverso). Arquivo da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda, Itaporanga/SE.

21 INVENTÁRIO *post-mortem* de Luis Francisco Freire. São Cristóvão, 1856. Arquivo Geral do Judiciário, Fundo São Cristóvão/ Cartório do 1º Ofício, caixa 12, número geral 25.

22 DANTAS, Ibarê. *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909)*. O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009.

23 FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *Os caracteres clinicos da cirrhose hypertrophica são sufficientes para classificar-a como uma molestia distincta da cirrhose atrophica?*. Bahia: Imprensa Economica, 1881 (Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia).



Forjando uma origem socialmente “legítima”, o resultado parece ter sido satisfatório para Felisbello. Ao menos é isso que indica a principal peça celebrativa do centenário de nascimento do médico, em 1958. Em discurso publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o acreditado professor Bonifácio Fortes repetia que os avós paternos de Felisbello eram “[...] o T. cel. Luiz Francisco Freire e Inez das Virgens Freire” (Fortes [Neto], 1958: 7)²⁴.

Finalmente, assinalo que, na produção dos monumentais dicionários biobibliográficos de Sacramento Blake (1893)²⁵ e Armindo Guaraná (1925)²⁶, que veicularam os principais perfis biográficos de Felisbello, empregou-se, sempre que possível, o método dos questionários enviados aos “ilustres” brasileiros que se eternizariam nos verbetes daquelas obras. É provável que nosso Felisbello tenha, cuidadosamente, respondido questionários encaminhados por Blake e Guaraná, divulgando a melhor e mais conveniente versão de si²⁷.

O “esquecimento” em torno da condição mestiça de Felisbello, entretanto, é bastante compreensível. Gilberto Freyre, ao estudar a “ascensão do bacharel e do mulato” no Brasil do século XIX, refere-se aos notáveis “brancos-novos”, mulatos que, “pela ascensão econômica ou intelectual, tornaram-se oficialmente brancos”, e menciona, entre outros, figuras como Machado de Assis, alcunhado de “mulato inglês”, por sua sobriedade, equilíbrio e reticência; e o fino, malicioso e sutil barão de Cotegipe (Freyre, [1936] 2003: 790)²⁸. Assim, a condição de médico, de homem de letras e de político destacado pode ter embranquecido Felisbello ao ponto de os seus perfis biográficos omitirem qualquer referência à sua origem mestiça.

Gilberto também notou e anotou que certos comportamentos e trajos seriam “capazes de aristocratizarem homens de cor, mulatos, ‘morenos’” (Freyre, [1936] 2003: 722)²⁹. Penso que os registros fotográficos de Felis-

24 FORTES [NETO], [José] Bonifácio. *Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constituinte*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1958.

25 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Felisbello Firmo de Oliveira Freire. In: *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 326-327.

26 GUARANÁ, Armindo. Doutor Felisbello Firmo de Oliveira Freire. In: *Dicionário bio-bibliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti & C., 1925. p. 83-86 (além das páginas 24, 48 e 255-257).

27 Mesmo considerando que o dicionário de Guaraná é posterior a Felisbello, é preciso assinalar que sua publicação é posterior ao próprio Guaraná, morto em 1924, e que sua elaboração remete às últimas décadas do século XIX, quando Felisbello estava vivo e atuante no campo político e intelectual.

28 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003

29 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.



belo que sobreviveram, por exemplo, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, dão-nos uma ideia clara dessa aristocratização dos mulatos³⁰.

Mas, certamente, a explicação para o caso Felisbello Freire não se encerra aí. Além desse “efeito branqueamento”, penso, de fato, ter havido um hercúleo esforço por parte de Felisbello para que o seu mulatismo passasse “em brancas nuvens”. Afinal, em se tratando dos intelectuais sergipanos de fins do século XIX e princípios do século XX, por que lembramos, claramente, que Tobias Barreto era mulato e esquecemos (desconhecemos, na verdade) que Felisbello também o era?

Ocultando ou omitindo a origem escrava de sua avó paterna, Felisbello parecia não lidar bem com sua condição de mulato. Entretanto, em *História de Sergipe* (1891), ele enfrentou a questão, vertendo-a em considerações sobre o papel do mulato na sociedade brasileira e sergipana de fins do século XIX.

Para Felisbello, o mestiço, notadamente o mulato, seria o elemento característico da civilização brasileira. Resultado do “crusamento das tres raças, que por aqui puzeram-se em contacto [o português, o africano e o índio]”, ele teria feição própria e original, o “genuino typo brasileiro”, e seria a “força directora a que todos os povos se submettem” (FREIRE, 1891: XXX e XXIX).

Considero uma estratégia de autoafirmação o discurso de Felisbello sobre o lugar de proa do mulato na sociedade brasileira. Para ele, a “sub-raça” da qual fazia parte seria o “legítimo producto nacional”. Nesse sentido, vale transcrever algumas considerações do autor:

Ahi está o papel da raça mestiçada no Brazil, verdadeiro agente transformador e cujo trabalho de regeneração se faz sentir no momento actual, do meado deste seculo em diante, que constitue um verdadeiro periodo historico, o periodo de transformação (FREIRE, 1891: XXXV).

[...] entre as raças mestiças que do crusamento originaram-se, figura como offerecendo maior contingente ao peso especifico da população brasileira, o mestiço entre o branco e

30 Lilia Schwarcz explica que a “linha de cor” no Brasil foi e “é capaz de variar de acordo com a condição social do indivíduo, o local e mesmo a situação”. Entre nós, diz Schwarcz, “não só dinheiro e certas posições de prestígio embranquecem, mas, para muitos, a ‘raça’, transvestida no conceito de ‘cor’, transforma-se em condição passageira e relativa” (Schwarcz, 2012: 32). Dialogando com Valle e Silva, Schwarcz elege a expressão “raça social” para entender o “efeito branqueamento” existente no Brasil, relacionado à situação socioeconômica e cultural dos indivíduos. “Enriquecer, ter educação superior, frequentar locais sociais de um estrato mais alto, destacar-se nos esportes ou na educação, tudo leva a um certo embranquecimento. No país dos tons e dos critérios fluidos, a cor é quase um critério de denominação, variando de acordo com o local, a hora e a circunstância. É isso também que faz que ‘a linha de cor’ no Brasil seja, no limite, um atributo da intimidade e do fugidio, na qual se distingue ‘raça oficial’ de ‘raça social’ [...]” (Schwarcz, 2012: 106) [SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012 (Agenda Brasileira)].

o africano, a que vulgarmente se chama o *mulato* (FREIRE, 1891: XL).

Queremos crer que, em virtude de um facto de acção muito geral, o *mulato* foi o mestiço de maior representação, de maior força transformadora, aquelle que procurou mais assimilar os caracteres da *raça branca* (FREIRE, 1891: XL).

O que podemos asseverar é que em Sergipe o *mulato* abunda mais do que o *cabra*, donde podemos concluir que o índio entre nós pouco collaborou (FREIRE, 1891: XLI)³¹.

Não por acaso, Felisbello era um mulato brasileiro, nascido em meados do século XIX, altamente identificado com sua ancestralidade europeia e que, ao modo dos aristocratas do vale do Vaza-Barris, negava a existência de índios em Sergipe³².

Aliás, a conclusão de que “[o *mulato*] foi o mestiço de maior força transformadora” (FREIRE, 1891: XL) somada à biografia de Felisbello nos faz lembrar de emblemáticas páginas escritas, décadas depois, por Gilberto Freyre. Conforme o mestre pernambucano, é impossível defrontar-se com o Brasil oitocentista sem atentar para “[...] duas grandes forças, novas e triunfantes, às vezes reunidas numa só: o bacharel e o mulato” (FREYRE, [1936] 2003: 711)³³. Felisbello reunia essas duas forças “novas e triunfantes”.

Homem de seu tempo, adepto do evolucionismo de Herbert Spencer, Felisbello julgava existir uma hierarquia entre as três raças formadoras do Brasil, relacionada ao grau de evolução rumo à civilização³⁴. Para o historiador, “o portuguez foi, pois, o mais poderoso e principal factor da civilização brasileira. Elle nos prende ao grupo das civilisações occidentaes”

31 Equivocadamente, Francisco José Alves concluiu que, para Felisbello, o predomínio de mulatos na população sergipana seria “um entrave ao desenvolvimento” (Alves, 2010: 162) [ALVES, Francisco José. *A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010].

32 Sobre a negação da existência de índios em Sergipe por parte dos aristocratas do vale do Vaza-Barris, consultar: DANTAS, 1976; e DANTAS, 1991 [DANTAS, Beatriz Góis. Índios e brancos em conflitos pela posse de terra: aldeia de Água Azeda, século XIX. *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. v. II, p. 421-452, 1976; DANTAS, Beatriz Góis. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana Maria de Faro Leal (Coord.). *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: UFS e BANESE, 1991. p. 19-60].

33 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

34 Ao estudar a “rede dos conceitos” da historiografia de Felisbello, Alves concluiu que Spencer foi sua principal influência filosófica (Alves, 2010: 79). Conforme o estudioso, Felisbello aplica “à história do Brasil as teorias e os modelos da sociologia de Herbert Spencer (1820-1903). O filósofo inglês fornece ao historiador categorias fundamentais para a inteligência historiográfica do passado brasileiro. ‘Civilização’, ‘evolução’, ‘altruísmo’, ‘egoísmo’, ‘barbárie’... são conceitos tirados dos textos de Spencer” (Alves, 2010: 187) [ALVES, Francisco José. *A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010].



(Freire, 1891: XXX). Nesse sentido, o mestiço brasileiro herdara mais do português que das demais raças (FREIRE, 1891: XXIX e XXX).

O patriarca Luís Francisco Freire, alvíssimo filho de portugueses, representaria, na biografia do neto Felisbello, esse elemento que o ligava às “civilizações ocidentais”. Aliás, em 1881, Felisbello dedica sua tese médica à “veneranda memória” do avô que sequer alcançou, posto que Luís Francisco morrera cerca de dois anos antes do nascimento do neto mulato.

Em se tratando de escravidão no Brasil, Felisbello acreditava ser ela “a clava de Hercules do nosso pauperismo, de nosso character; que tem dificultado a organização de uma moralidade, pelo concubinato no lar domestico, pela proliferação dos filhos naturaes, dificultando os progressos da população, a equitativa distribuição da riqueza publica” (FREIRE, 1891: XXXIV). Com esse discurso, ele justificava, também, a origem ilegítima do seu ramo familiar paterno, fruto de um concubinato. A escravidão seria a culpada das mazelas da sociedade e, também, do desconforto que acompanhava o ilustre sergipano.

Sobre o “desconforto” do bacharel mulato no Brasil oitocentista, esclarece Gilberto Freyre:

Mulatos que tendo se bacharelado em Coimbra ou nas Academias do Império foram indivíduos que nunca se sentiram perfeitamente ajustados à sociedade da época; aos seus preconceitos de branquidade, mais suaves que noutros países, porém não de todo inofensivos (FREYRE, [1936], 2003: 728)³⁵.

A observação de Gilberto ilumina muito da personalidade de Felisbello, alguém que, apesar dos títulos, cargos ocupados e páginas escritas, jamais se sentiu ajustado socialmente ou suficientemente reconhecido nos campos onde militou. O que gritava o espelho a Felisbello era: “lembra-te que és mulato” - mesmo que fosse um “fino, eugênico e aseado mulato” (FREYRE, [1936] 2003: 732)³⁶. Não acredito que ele jamais tenha se sentido um “mulato triunfante”, ao modo de Machado e Cotegipe³⁷. Aliás,

35 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

36 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

37 Ao menos é isso que Felisbello demonstra na apresentação do seu último livro – *Historia da Cidade do Rio de Janeiro* (1912). O “humilde autor” alega que, por ter “a coragem de dizer e escrever a verdade”, fora perseguido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, instituição controlada por monarquistas e que adotava uma “posição sempre odiosa e traiçoeira” com intelectuais republicanos na década de 1890. “O Instituto tinha um fim de vingança contra mim” (p. V), declarou Felisbello, que também concluiu que “estava projectada a condenação” do seu livro pelo IHGB [FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*. Vol. I (1564-1700). Rio de Janeiro: Typ. da Revista dos Tribunaes, 1912].

considerando a ligação de Felisbello com a Escola do Recife, também nos é cara a seguinte impressão de Gilberto Freyre:

O arrivismo de mulato, com todo o seu 'complexo de inferioridade', ligado ao arrivismo de novo-culto, esplende de modo tão forte que dói na vista, na grande figura de Tobias Barreto: mulato quase de gênio que para compensar-se de sua condição de negróide em face de brasileiros, portugueses, franceses ou afrancesados, requintou-se no germanismo, no alemanismo, no culto de uma ciência de brancos – os alemães – mais brancos que os franceses (FREYRE, [1936] 2003: 790)³⁸.

282

Foi impossível, ao longo dessas reflexões, não lembrar de uma das obras que mais chama a minha atenção no acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Refiro-me ao óleo sobre tela *A Redenção de Cã* (1895), do artista espanhol Modesto Brocos. Ela reflete as teorias raciais difundidas no Brasil de fins do século XIX e a leitura popular de uma passagem do livro do Gênesis, que relaciona a maldição lançada por Noé sobre seu filho Cã (e seus descendentes) à escravidão negra.

A redenção de Cã (ou da sociedade mestiça brasileira) viria com a diluição do elemento de origem africana no elemento de origem europeia. É essa ideia que nos transmite a imagem da avó negra (quem sabe africana), de pé, agradecendo aos céus o milagre de sua filha, a maternal mulata ao centro da tela, ter gerado um menino branco e saudável, com seu esposo de talhe europeu (quem sabe um imigrante italiano).

Assim como na obra de Modesto Brocos, para Felisbello, quanto mais branco e europeu, melhor. O mulato seria o tipo mestiço que, mais facilmente, alcançaria a civilização, pois era o que mais tendia a se apropriar do legado genético e cultural europeu. Conforme nosso historiador,

Tendo estancado a corrente tupy, pela devastação e expatriação da raça, motivadas pela colonização, e tendo se extinguido a imigração africana, compreende-se facilmente que o mestiço tende a fundir-se e cruzar-se mais directamente com o typo branco, sendo mais rápida a evolução para elle galgar os caracteres de raça (FREIRE, 1891: XLIII).

Defendendo a necessidade de branqueamento da população de Sergipe, Felisbello registrou sua queixa acerca da concentração dos colonos

38 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

européus em regiões específicas no Brasil. Para ele, “[...] as correntes migratorias têm sido centralizadas em certas zonas do paiz, pela intervenção de um politica mesquinha e anti-patriotica” (FREIRE, 1891: XLIV).

Lamento similar aparece no momento do texto em que Felisbello traça um panorama da economia sergipana entre fins da década de 1880 e princípios da década de 1890, concluindo que “a instituição de estabelecimentos bancários e a imigração estrangeira são medidas inadiáveis” (FREIRE, 1891: LXXII).

Assinalemos que, em sua meteórica passagem pelo governo de Sergipe, Felisbello empenhou-se em fundar, justamente no vale do Vaza-Barris, colônias estrangeiras. Sobre esse assunto, destacou Bonifácio Fortes:

Felisbello [...] procurou e conseguiu instalar em Sergipe núcleos de colonização e imigração. A 28-II-1890 fundava no engenho Patrimônio, em São Cristóvão, uma colônia agrícola para colonos estrangeiros [...]. O segundo núcleo seria instalado no lugar Pintos, ainda em S. Cristóvão (Dec. 44, 12-5-1890) [...]. O núcleo do Patrimônio teve suas atividades bastante incrementadas ainda no govêrno Freire (FORTES, 1958: 16)³⁹.

283



As ideias e ações de Felisbello, todavia, não agradavam aos seguidores mais conservadores (e poderosos) da sociedade sergipana, que o consideravam um “medicozinho voluntarioso e difícil de ser ‘conversado’” (FORTES, 1958: 12)⁴⁰. Mais que isso, diriam: ele era um mulato.

Essa tensão ganhava, frequentemente, as páginas da *Gazeta de Sergipe*, “lídima porta-voz dos proprietários rurais”, segundo Bonifácio Fortes. Aliás, foi no referido periódico que Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825-1909), influente político e senhor do engenho Serra Negra, lembrou ao presidente Felisbello que sua “ascendência vai entroncar na nobre árvore genealógica das senzalas do Engenho Belém” (MACIEL, 1890)⁴¹.

Tanto em *O espetáculo das raças* (1987), como em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário* (2012), a leitura de Lilian Schwarcz ajuda-nos a compreender o discurso de Felisbello sobre o mulato na sociedade sergipana (e brasileira) de fins do século XIX.

39 FORTES [NETO], [José] Bonifácio. *Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constitucionalista*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1958.

40 FORTES [NETO], [José] Bonifácio. *Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constitucionalista*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1958.

41 MACIEL, Leandro [Ribeiro de Siqueira]. Resposta ao pé da Letra, *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, 20 nov. 1890. In: DANTAS, Ibarê. *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909). O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe*. Aracaju: Criação, 2009. p. 238.

A antropóloga explica que, no Brasil,

[...] ocorreu uma releitura particular [das teorias raciais em voga]: ao mesmo tempo que se absorveu a ideia de que as raças significavam realidades essenciais, negou-se a noção de que a mestiçagem levava sempre à degeneração, conforme previa o modelo original. [...] Tingido pela entrada maciça de imigrantes – brancos vindos de países como Itália e Alemanha –, introduziu-se no Brasil um modelo original, que, em vez de apostar que o cruzamento geraria a falência do país, descobriu-se nele a possibilidade do branqueamento (SCHWARCZ, 2012: 39)⁴².

Dando a palavra ao estudioso da “rede dos conceitos” que embala a historiografia de Felisbello Freire, arremata-se a questão. Conforme Francisco José Alves,

Felisbello é, evidentemente, um herdeiro do pensamento de Herbert Spencer. No entanto, é oportuno ressaltar que toda herança teórica é “um filtro crítico e transformador”. Assim, o historiador sergipano não é um mero repetidor do pensador evolucionista. Sua historiografia patenteia uma apropriação seletiva e heteróclita. Seletiva porque toma de Spencer alguns elementos e descarta outros e heteróclita porque “sintetiza” Spencer com outros autores, como H. T. Bucle, H. Taine, por exemplo. Herança, sim, mas crítica, seletiva e filtrante (ALVES, 2010: 142-143)⁴³.

É preciso, ainda, assinalar o distanciamento de Felisbello da vertente mais extremada e pessimista do evolucionismo no Brasil de sua época, cujo ícone seria o também médico (e também egresso da Faculdade de Medicina da Bahia) Nina Rodrigues, para quem “a mestiçagem existente no país parecia atestar a própria falência da nação” (SCHWARCZ, 2012: 20)⁴⁴. Pelo que vimos, Felisbello se aproxima da vertente da Escola de Recife, marcada por nomes como Tobias Barreto e Sílvio Romero, divulgadores do “suposto do evolucionismo social de que a ‘perfectibilidade’

42 SCHWARCZ, Lília Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012 (Agenda Brasileira).

43 ALVES, Francisco José. *A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010.

44 SCHWARCZ, Lília Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012 (Agenda Brasileira). Sugere-se a leitura de *Mestiçagem, degenerescência e crime*, de 1899, ou *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, de 1894.

era possível para todos os grupos humanos” (SCHWARCZ, 2012: 21)⁴⁵. Por sua vez,

[Nina] não acreditava que todos os grupos humanos fossem capazes de evoluir igualmente e chegar ao progresso e à civilização. Além do mais, ao conferir às raças o estatuto de realidades estanques, defendeu que toda mistura de espécies seria sempre sinônimo de degeneração (SCHWARCZ, 2012: 21)⁴⁶.

Além de localizar o pensamento de Felisbello, não custa admitir sua relativa atualidade, em um país dotado de um racismo silencioso e que raramente se mostra publicamente. Schwarcz, lembra-nos que, na prática, a velha máxima do “quanto mais branco melhor” nunca foi totalmente deixada de lado.

Foi, por exemplo, nos sertões de Pernambuco, e da boca da minha avó Elza Medeiros de Albuquerque, alvíssima esposa do fazendeiro Apolinário Florentino de Albuquerque, meu avô “quartão”, que ouvi a “tabuada das misturas para ficar branco”. Décadas depois, reencontraria, quase sem retoques, a tabuada que me era tão familiar, recuperada e divulgada por Gilberto Freyre em “Sobrados e mucambos”:

1 branco com uma negra produz mulato
Metade branco, metade preto.
1 branco com uma mulata produz quartão
Trez quartos branco, e um quarto negro.
1 branco com uma quartão produz outão
7/8 branco e 1/8 negro.
1 branco com uma outona produz branco
Inteiraente branco.
(FREYRE [1936], 2003: 778)⁴⁷

Possivelmente, sua condição de mulato, letrado e abolicionista, levou Felisbello a identificar-se com o secretário de governo Antonio Pereira Rebouças (1798-1880), fazendo dele um dos principais heróis da *História de Sergipe* (1891). Ponhamos, então, em revista o primeiro capítulo do livro III da obra, que trata do governo de Manoel Fernandes da Silveira (1757-1829), presidente da Província de Sergipe em 1824, muitíssimo influenciado pelo secretário Rebouças.

45 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012 (Agenda Brasileira).

46 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012 (Agenda Brasileira).

47 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.



Felisbello, claramente, justifica as ações do secretário que, sobrepondo-se ao presidente, protagonizou conflitos que desestabilizaram o governo Fernandes da Silveira.

Sem indicar as fontes que comprovariam um possível plano golpista de abril de 1824, o historiador registrou:

O plano chega ao conhecimento do presidente, que tinha junto a si, como secretario, um homem de um talento superior e de um espirito liberal, Antonio Pereira Rebouças, sobre quem caem principalmente os odios do partido adverso, porque nelle vê a alma da administração e a energia de um caracter decidido e franco (FREIRE, 1891: 265)⁴⁸.

286



Mesmo tendo de reconhecer a violação dos direitos dos portugueses estabelecidos em Sergipe, Felisbello segue heroicizando Rebouças:

Agora que idéas mais livres eram incutidas na opinião pelo secretario Rebouças, alma rebelde, espirito revolto, que tratava de fazer propaganda contra o privilegio de raças, os excessos da aristocracia, a prepotência que queria manter o partido corcunda; agora diziamos, offereceu-se oportunidade para as vinganças (FREIRE, 1891: 269).

Se o presidente ancião e o secretário mulato são os mocinhos, os políticos alcunhados de corcundas são os bandidos da narrativa de Felisbello, que afirma:

Realmente, se não fôra Rebouças, o brigadeiro Silveira, septuagenario, não poderia arcar vantajosamente com as dificuldades que vinham de um estado social tumultuoso, de uma sociedade cheia de ambiciosos, dificuldades que eram promovidas por cidadãos de alta representação, como os corcundas de então (FREIRE, 1891: 265).

48 A suspeitosa versão de Felisbello para esse episódio da história da Sergipe foi, irrefletidamente, reproduzida por historiadores como Maria Thetis Nunes, em trabalhos como “História de Sergipe, a partir de 1820” (1978) [NUNES, Maria Thetis. *História de Sergipe, a partir de 1820*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978] e “Sergipe Provincial I: 1820/1840” (2000) [NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial I (1820/1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000]; e Keila Grinberg, em seu excelente “O fiador dos brasileiros” (2002: 79-80). Todavia, Grinberg não deixou de assinalar que “relatos também diziam que a conspiração frustrada por Rebouças não passava de um desvario inventado por ele próprio” (Grinberg, 2002: 81) [GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002].

Mesmo mencionando as representações que, de todas as partes da província, se sucediam contra os excessos de Rebouças, “apontando-o como um revolucionário, um promotor de alterações da ordem publica”, Felisbello afirma: “Não era tal. Rebouças, espírito livre, revoltou-se por ver o autoritarismo e a prepotência que a aristocracia de Sergipe exercia sobre o povo. Lutou contra taes habitos e pregou a igualdade perante a lei, deixando no meio daquella sociedade o germen da liberdade, sempre abafada” (FREIRE, 1891: 270). Eis como se inventa um herói.

Para mim, Rebouças foi o herói no qual Felisbello encontrou a si próprio. Algo similar ao que concluiu Gilberto Freyre, ao tratar da identificação das pessoas com seus heróis: “há no culto dos heróis um pouco de agrado de gato – clássico agrado do gato ao homem: parecendo estar fazendo festa à perna do dono, o gato afaga volutuosamente o próprio pêlo” (FREYRE, [1936] 2003: 801)⁴⁹.

Gilberto Freyre socorre-nos, também, na compreensão das tensões que, envolvendo o mulatismo de Felisbello, produziam discursos como o do destemperado Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel e o discurso de Felisbello heroicizando Rebouças. No Brasil oitocentista, explica Gilberto, “[...] ‘centenas de bacharéis e doutores de raça cruzada’ [recuperando expressão utilizada por Sílvio Romero], [foram] atirados no País pelas academias: a do Recife, a de São Paulo, a da Bahia, a do Rio de Janeiro. Mais tarde, pela Escola Militar, pela Politécnica” (FREYRE, [1936] 2003: 801)⁵⁰.

E foi dialogando com outros dois sergipanos (“o guerrilheiro intelectual” Sílvio Romero e “o professor” Gilberto Amado), que Gilberto Freyre concluiu que esses “bacharéis e doutores de raça cruzada” associaram-se diretamente

[...] ao declínio do patriarcado rural do Brasil: a transferência de poder, ou de soma considerável de poder, da aristocracia rural, quase sempre branca, não só para o burguês intelectual – o bacharel ou doutor às vezes mulato – como para o militar – o bacharel da Escola Militar e da Politécnica, em vários casos negroíde (FREYRE, [1936] 2003: 725-726)⁵¹.

49 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

50 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

51 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.



Transcrevendo “páginas inteligentes” de Gilberto Amado, Freyre segue estudando a ascensão social do bacharel e do mulato na segunda metade do século XIX, destacando que, “no eclipse das grandes famílias arruinadas em consequência da extinção do tráfico e de outras causas acumuladas, [eles] substituem aos poucos nos prélis partidários, os filhos dos senhores de engenho, os viscondes, marqueses e barões, aparecendo no centro da arena à primeira luz da ribalta política”. Tratava-se de uma “fulgurante plebe intelectual, dos doutores pobres, jornalistas, oradores que de todos os pontos do País surgiam com a pena, com a palavra e com a ação, em nome do pensamento liberal, para dominar a opinião” (AMADO por FREYRE, [1936] 2003: 724)⁵². Felisbello compunha essa “fulgurante plebe intelectual”!

Também no Sergipe de fins do século XIX, dois mundos se encontravam e se chocavam: o da velha aristocracia (que, convivendo com tipos como Felisbello, deveria pensar: Oh, meu tempo, meu tempo!) e o da “fulgurante plebe” (que, ao modo de Felisbello, identificava-se com quem resistiu ao mando dos açucarocratas).

Décadas antes de Felisbello, Rebouças fora alvo do preconceito cultivado pelas elites sergipanas em relação aos mulatos. Conforme a historiadora Keila Grinberg, competente biógrafa de Rebouças, episódios de discriminação se repetiram na vida do rábula. Pouco antes de sua malfadada experiência sergipana, por exemplo, um fato doloroso ficaria registrado em suas memórias.

Em uma chácara nos arredores da Quinta da Boa Vista, em 1823, Rebouças “deu-se conta de que todo o prestígio que conseguira não tornara invisível a sua cor” (GRINBERG, 2002: 78)⁵³. Acompanhando o coronel João Dantas dos Imperiais Itapicuru (1773-1832)⁵⁴ em visita ao então deputado geral Araújo Gondim (1782-1826), foi preterido à mesa de jantar do político pernambucano, que julgara desagradar seus hóspedes “brancos e nobres” a presença do mulato.

Para Grinberg, o episódio do jantar representou uma “ferida [que] deve ter sido profunda” – tão profunda que Rebouças “não mais faria re-

52 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

53 GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

54 O coronel João Dantas dos Reis Portátil, depois João Dantas dos Imperiais Itapicuru, senhor do engenho Santo Antônio do Camuciatá, em Itapicuru, no nordeste da Bahia, foi figura destacada nas lutas pela independência do Brasil em terras baianas e sergipanas. Na historiografia sergipana, Maria Thetis Nunes dedicou-lhe atenção, em obras como *História de Sergipe, a partir de 1820* (1978) e *Sergipe Provincial I* (2000).

ferências a episódios como este em suas memórias”, embora eles tenham se repetido, concluiu (GRINBERG, 2002: 78)⁵⁵.

Baseada em interpretações de Felisbello Freire e Maria Thetis Nunes (que, em parte, reproduziu o discurso apaixonado de Felisbello), a historiadora carioca concluiu:

De fato, a desfeita do jantar não foi nada em comparação com o que aconteceria em 1824, quando Rebouças tomou posse como secretário da província de Sergipe. Incomodados justamente com o fato de ter um mulato à frente dos negócios do governo, os proprietários do local fizeram de tudo para tirá-lo de lá, o que conseguiram ao cabo de um ano (GRINBERG, 2002: 78)⁵⁶.

Grinberg, todavia, não ignorou dados revelados por fontes perscrutadas no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que indicam os excessos do jovem secretário Rebouças e os ódios que deles se desdobraram. Nesse sentido, assinalou:

No dia marcado [para jurar a Constituição, 24 de junho de 1824], Rebouças dirigiu-se à Igreja e, tomando o texto do vigário-geral da paróquia, natural de Portugal, fez ele mesmo a leitura, permitindo ao padre somente celebrar a missa. Ao final, depois de se haverem dado os ‘Vivas da Etiqueta’, um dos tenentes-coronéis do Batalhão dos Henriques gritou ‘morra tudo que é maroto’, dando início a violentas perseguições contra portugueses, que foram se refugiar nas matas, e de lá só saíram quando tomou posse o comandante das armas designado para pacificar a região, o capitão Manoel da Silva Daltro (GRINBERG, 2002: 80-81)⁵⁷.

Percebemos, por meio do olhar desapassionado da biógrafa, um secretário de governo que, desempenhando, na prática, as funções do presidente, desautorizava e enquadrava autoridades religiosas e acabava por estimular perseguições aos portugueses residentes em Sergipe.

55 GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

56 GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

57 GRINBERG, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Sabemos que a igreja em questão é a vetusta matriz da Paróquia Nossa Senhora da Vitória, na cidade de São Cristóvão, antiga capital de Sergipe. O vigário mencionado é, certamente, o padre Luiz Antônio Esteves, e o tenente-coronel é Cristóvão de Abreu Contreiras, conforme indicam autores como Maria Thetis Nunes.

Justiça seja feita, Maria Thetis Nunes não se furtou em concluir que “decorreram, em meio às agitações e animosidades, os onze meses da administração do Brigadeiro Manoel Fernandes da Silveira, sendo personagem destacado nos acontecimentos, inegavelmente, o Secretário Antônio Pereira Rebouças” (NUNES, 2000: 123)⁵⁸.

Para além da identificação com Rebouças, as posições políticas de Felisbello deram, visivelmente, os contornos de sua *História de Sergipe*, pois os herdeiros políticos dos corcundas eram os inimigos monarquistas e escravocratas com os quais ele se confrontava desde os idos da década de 1880. Essa segunda e importante faceta autobiográfica da sua obra foi explorada em uma versão dilatada deste meu trabalho, publicada em 2018, na vetusta *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, sob o título *Felisbello Freire: o mulato e o político na História de Sergipe* (n. 476, jan./abr. 2018, p. 223-260).

Encerremos com essa sugestão de leitura e assinalando que Felisbello Freire têm lugar cativo na historiografia sergipana. Ele é, sem dúvida, o pai da História de Sergipe, como afirmara José Calasans. Uma releitura crítica do seu legado intelectual não implica, absolutamente, em diminuir sua importância ou destituí-lo do seu posto. Além disso, sua obra nunca foi tão debatida e revisitada. Cada vez menos, seus livros são “virgens de olhos humanos”⁵⁹.

58 NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial I (1820/1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

59 Há quase seis décadas, o acreditado professor Bonifácio Fortes assinalara que a vasta obra de Felisbello era “praticamente desconhecida em Sergipe” e que “nada se fez para destacar a sua inegável importância” (Fortes [Neto], 1958: 5) [FORTES [NETO], [José] Bonifácio. *Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constitucionalista*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1958]. Felizmente, esse quadro transformou-se. Sem pretender historiar as iniciativas que levaram à referida transformação, destacaria, entre as mais recentes, a publicação, em 2010, da tese de doutorado do professor Francisco José Alves, do Departamento de História da UFS, vertida no livro “A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire” [ALVES, Francisco José. *A rede dos conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2010]. Em 3 de julho de 2014, durante as celebrações dos 194 anos da Emancipação de Sergipe, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), com apoio da Editora UFS, lançou a terceira edição da clássica “História de Sergipe”, tornando mais acessível o livro surgido, como vimos, em 1891 e reeditado, somente, nos idos da década de 1970. Entre 27 de agosto e 17 de dezembro de 2015, o Grupo de Pesquisa Sergipe Oitocentista (UFS/CNPq), em parceria com o IHGSE e com o apoio do Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS), do Departamento de Museologia (DMS) e da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), realizou a primeira edição de suas “Rodas de Leitura”, com encontros mensais, pondo em revista os textos de Felisbello Freire dedicados a Sergipe – “História de Sergipe” (1891), “Historia territorial do Brasil” (1906) e “A antiga vila de Santo Amaro das Brotas” (1914). Entre 24 e 27 de outubro de 2016, ano do centenário de morte de Felisbello, o IHGSE e a Associação Nacional de História (ANPUH/SE) escolheram “O Brasil na historiografia de Felisbello Freire” como tema da quinta edição do “Congresso Sergipano de História & Encontro Estadual de História da ANPUH/SE”, realizado na sede do Instituto Histórico. O bem-sucedido evento contou com mais de 300 inscritos, conferências e palestras dos historiadores Francisco José Alves (UFS), Paulo Knauss de Mendonça (UFF), Adriana Pereira Campos (UFES), Joceneide Cunha (UNEB), Samuel Albuquerque (UFS), Terezinha Alves de Oliva (IHGSE), Lenalda Andrade Santos (IHGSE), entre outros. Vemos, portanto, que a obra de Felisbello está mais viva do que nunca e, por isso mesmo, deve ser lida com critério, considerando que suas peculiaridades obrigam-nos a arregalar bem os olhos e redobrar nossa atenção.